

---

## **A midiatização dos memoriais do Covid-19: tessituras imagéticas e discursivas da morte na resignificação da vida <sup>1</sup>**

Mariane RAMOS<sup>2</sup>

Ana Paula da ROSA<sup>3</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, UNISINOS

### **Resumo**

Este trabalho busca desenvolver articulações teóricas e empíricas que possam fomentar o debate acerca das operações de produção de sentido dos memoriais digitais constituídos durante a pandemia. Trata-se de olhar para esta prática social que leva em conta uma arquitetura comunicacional ancorada na midiatização e nos processos de circulação de sentido (ROSA, 2019). Investiga-se o caso de dois memoriais brasileiros: um produzido por profissionais voluntários (jornalistas) e atores sociais, o Inumeráveis; e outro, produzido pelo Portal G1, na página do programa Bem-Estar. Busca-se identificar como ocorre o processo de circulação das histórias das vítimas e compreender que sentidos e imagens estão em elaboração neste dispositivo interacional.

**Palavras-chave:** Midiatização. Memorial. Circulação. Narrativas. Covid-19.

A pandemia de Covid-19 matou mais de 700 mil pessoas no Brasil. Entre seu início em 2020 até o efeito da vacinação que amenizou os óbitos, muitas notícias e informações surgiram. A “pandemia midiática”, isto é, a proliferação de notícias e desinformação, também foi um divisor de águas, visto que conscientizar a população tornou-se uma prioridade. Porém, com um governo que negava a gravidade da doença, ironizando seus impactos na vida do cidadão comum, as instituições midiáticas tradicionais (como o jornalismo) passaram a produzir conteúdo de modo intenso, tanto para questionar as políticas de saúde pública do governo, quanto para alertar e orientar a população. No entanto, para isso tornou-se frequente, assim como na abertura deste texto, evidenciar o número de mortos. Cotidianamente, a mídia noticiava os números das

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Teorias da Comunicação do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciências da Comunicação no PPGCC UNISINOS, email [mariramos.st@gmail.com](mailto:mariramos.st@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da Comunicação, Professora do PPGCC UNISINOS, email [anaros@unisinis.br](mailto:anaros@unisinis.br)

---

vítimas e as estatísticas. Na tentativa de evitar a banalização da morte e, ao mesmo tempo, de conscientizar surgiram os memoriais. E é sobre eles que este artigo se debruça.

Os memoriais que aqui tratamos não são os erigidos em espaços físicos, mas os que se organizam em torno de práticas comunicacionais. Nosso olhar está em memoriais desenvolvidos para o território digital, levando em conta uma arquitetura comunicacional (FAUSTO NETO, 2018) ancorada na midiatização (GOMES, 2022) e nos processos de circulação de sentido (ROSA, 2019). Neste trabalho, trouxemos o caso de dois memoriais brasileiros sobre o Covid-19: um produzido por profissionais voluntários (jornalistas) e atores sociais, o Inumeráveis; e outro, produzido por um veículo de comunicação, a página do programa Bem-Estar, no Portal G1, da Globo. Aqui, buscaremos identificar como ocorre o processo de circulação das histórias das vítimas, dentro dessa ambiência midiatizada. Nos interessa compreender que sentidos e imagens estão em elaboração neste dispositivo interacional (BRAGA, 2017), o memorial online? E de que forma as narrativas tecidas, coletivamente, passam a evitar os apagamentos, ressignificando a morte? Em nossa ótica, a continuidade da vida se expressa em relatos que podem ser lidos nas postagens do Instagram e nas narrativas que passam a delinear um rosto, mesmo em sua ausência. Acreditamos que o fato de contar estas histórias também é uma forma de conscientizar a sociedade sobre perdas de pessoas reais, portanto a tragédia não some em meio a este contexto, visto que narrar é também produzir imagens. Falar sobre o luto e seus estigmas não minimiza a dimensão da pandemia, mas a inscreve em um lugar onde o sensível e o visível se interconectam, transcendendo o dado.

### **Os memoriais como dispositivos interacionais: um artefato para ressignificar a dor**

A prática dos memoriais não é recente. Desde os obituários até os monumentos de homenagem às vítimas de grandes tragédias ( de atentados terroristas à times de futebol), os memoriais enquanto templos de homenagem e ressignificação da morte sempre foram uma prática social. No entanto, o que identifica-se como um diferencial na pandemia é a natureza da lógica de midiatização que busca constituir, pelas experimentações sociais, modos de resistência e enfrentamento políticos, considerando a circulação como uma relação de atribuição de valor nas interações (ROSA, 2019).

---

Por midiatização entendemos um processo complexo de transformação social que lida com as dimensões do tempo, do espaço e da produção de sentidos. A partir da abordagem latina de Eliséo Verón compreende-se a midiatização como um processo de longo tempo, onde dispositivos tecnológicos se convertem em lócus para produção, recepção e especialmente, circulação de sentidos. Para Verón (2014)

A midiatização certamente não é um processo universal que caracteriza todas as sociedades humanas, do passado e do presente, mas é, mesmo assim, um resultado operacional de uma dimensão nuclear de nossa espécie biológica, mais precisamente, sua capacidade de semiose. Essa capacidade foi progressivamente ativada, por diversas razões, em uma variedade de contextos históricos e tem, portanto, tomado diferentes formas. Entretanto, algumas das consequências estiveram presentes em nossa história evolucionária desde o início.

Isso significa que o conceito transcende em muito a abordagem simplista que atribui à midiatização um caráter de operador semântico, isto é, “midiatizar” é pôr na mídia. Por esta visão, os memoriais apenas mudaram de suporte, saindo da dimensão material e física das cidades e prédios, para o espaço do digital. Em nossa concepção, o processo é muito mais amplo e diz respeito não somente ao território midiático, mas aos modos de vivenciar a dor, de tecer narrativas a partir de uma atorização social, o que implica no afetamento da própria prática memorativa. Neste sentido, Gomes (2022, p. 170) considera

que o desenvolvimento das mídias digitais está criando é uma nova ambiência que, por sua vez, dá lugar a um novo modo de ser no mundo. A consequência disso é que, em lugar de estarmos assistindo a um fim da midiatização, estamos apenas no limiar de seu pleno desenvolvimento.

O autor ao tratar a sociedade imersa na ambiência da midiatização, enfatiza a necessidade de outras chaves de leitura seja do sujeito, seja do mundo. Isto porque para além da face visível da tecnologia e de suas lógicas, as próprias práticas sociais já estão sendo conduzidas de outra forma, nascem em um outro caldo cultural onde as mídias digitais e as formas de sociabilidade online não são um complemento, mas parte integrante da tessitura da vida cotidiana. Neste sentido, a pandemia de Covid-19 não apenas fez os memoriais deslocarem-se no espaço, mas potencializou o surgimento de uma forma distinta de vivenciar a dor coletivamente, contando com engajamento, participação e voluntarização para a produção de conteúdo, muitas vezes pondo em xeque as abordagens do jornalismo hegemônico ancorada em números.

---

A ideia de um memorial está, à primeira vista, vinculada à possibilidade de preservação (ou até reparação) de uma memória. Ivan Izquierdo (2018) entende que a memória “significa aquisição, formação, conservação e evocação de informações”. Ao mesmo tempo, constituem o sujeito a partir de sua experiência e de aprendizados que permitem projetar o futuro. Se esta abordagem da neurociência for transposta para dialogar com a comunicação, podemos olhar os memoriais digitais como dispositivos interacionais (BRAGA, 2017) cujo caráter está em conservar, evocar, partilhar experiências e sentimentos para que, a partir da narrativa seja possível, minimamente, compreender o presente para projetar um futuro.

Mas isso não se faz sozinho. A pandemia colocou lado a lado a dicotomia do estar só, isolado, e ao mesmo tempo acompanhado; da distância e da proximidade; da ausência e da presença. E é sobre esta última díade que os memoriais se debruçam, pois elaborar narrativas e imagens dos mortos é uma forma de mantê-los presentes. Hoskings (2017) considera estas práticas digitais marcas de uma profunda mudança nos conceitos de memória e mediação do passado, pois resultam em uma espécie de “memória da multidão” que tanto contribui para definir uma memória social como para as elaborações individuais. Neste aspecto, os memoriais sobre as vítimas da pandemia produzidos a partir do fazer da atorização social permite a geração de vínculos, o registro, mas também uma forma de lidar com a própria dor individualmente. Sobre isso, Sônia Aguiar (2021) problematizou as narrativas sensíveis à dor alheia, considerando que os memoriais substituem os relatos baseados em índices racionais da pandemia pelas narrativas sensíveis ao sofrimento, não somente ao que se sente na pele, mas ao alheio. Neste mesmo sentido, Ruiz e Souza (2021, p. 1) destacam a emergência de espaços discursivos de visibilidade, “capazes de restaurar e ressignificar novas memórias sobre o morrer, (re)contando-as”.

Assim, o que os memoriais que observamos fazem é restituir um lugar de valorização e de respeito que transcende a finitude da vida. Assim como a imagem tem como dimensão a ruptura com o espaço-tempo, ao promover tanto o assassinato do referente quanto sua eternização, numa produção de duplos (KAMPER, 2002), os memoriais lidam com uma memória em elaboração e fluxos. De um lado, permitem uma sobrevivência do sujeito, por meio de narrativas que expressam suas características, seus feitos. De outro, tecem uma memória coletiva e midiática da pandemia, não somente pelos

números e imagens de covas, mas pelos mortos visibilizados que alertam para a urgência da vida. Neste aspecto, tanto iniciativas de coletivos e de cidadãos, quanto do jornalismo passam a questionar a banalização da morte enquanto estatística, desenvolvendo formas de memoriais.

É necessário evidenciar, porém, que os memoriais referentes à pandemia foram surgindo aos poucos e ganhando múltiplos nomes e desdobramentos em diferentes países. Apesar das diferenças de idioma e geográficas, percebe-se que a circulação de sentidos é central em todos, pois são dispositivos focados nas interações e nos fluxos. Isso significa que não se trata de “um” sentido da morte ou “do” sentido da pandemia, mas de contínuas elaborações, pois como evidencia Fausto Neto (2013) a circulação lida com o protagonismo da linguagem e de operações de afetamento e acoplamento. Assim, uma imagem, uma pequena biografia, um vídeo, um gesto, uma cena do vazio preenchida por afetos, são elementos que dissociados dizem pouco, mas que juntos configuram uma outra forma de lidar com a morte e com a invisibilidade numérica. Isto é, os memoriais se organizam e são alimentados por práticas comunicacionais.

### **Pistas de uma processualidade de combate à invisibilidade**

Em um mundo midiaticizado, o espaço discursivo midiático passa a ser acessível tanto para os atores sociais como para o jornalismo. Assim, tomam-se, aqui, como pistas de uma processualidade comunicacional de combate à invisibilidade, postagens do Instagram e histórias publicadas nos sites dos memoriais online. A partir da observação dos comentários e das narrativas dos atores sociais, bem como do jornalismo, busca-se compreender os sentidos em elaboração e como tais sentidos rompem com aqueles discursos já estabelecidos para tratar dos mortos pela pandemia.

O primeiro de nossos observáveis é o memorial Inumeráveis, onde são publicadas homenagens através de um texto-tributo para cada vítima. Possui perfil no Instagram<sup>4</sup> e também um site<sup>5</sup>, ambos ativos e com constantes atualizações.

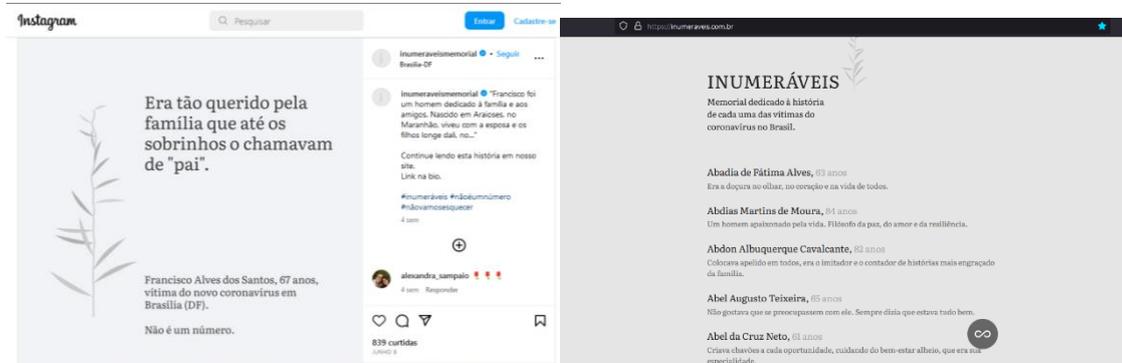
A página traz em suas postagens, tanto do *feed* quanto dos *stories*, um trecho retirado do texto completo publicado no site, juntamente com os dados pessoais,

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/inumeraveismemorial/>

<sup>5</sup> Disponível em: <https://inumeraveis.com.br/>

acompanhados da frase “não é um número”, marca registrada de todas as publicações. Compõem as narrativas características, frases, adjetivos, gostos, trejeitos.

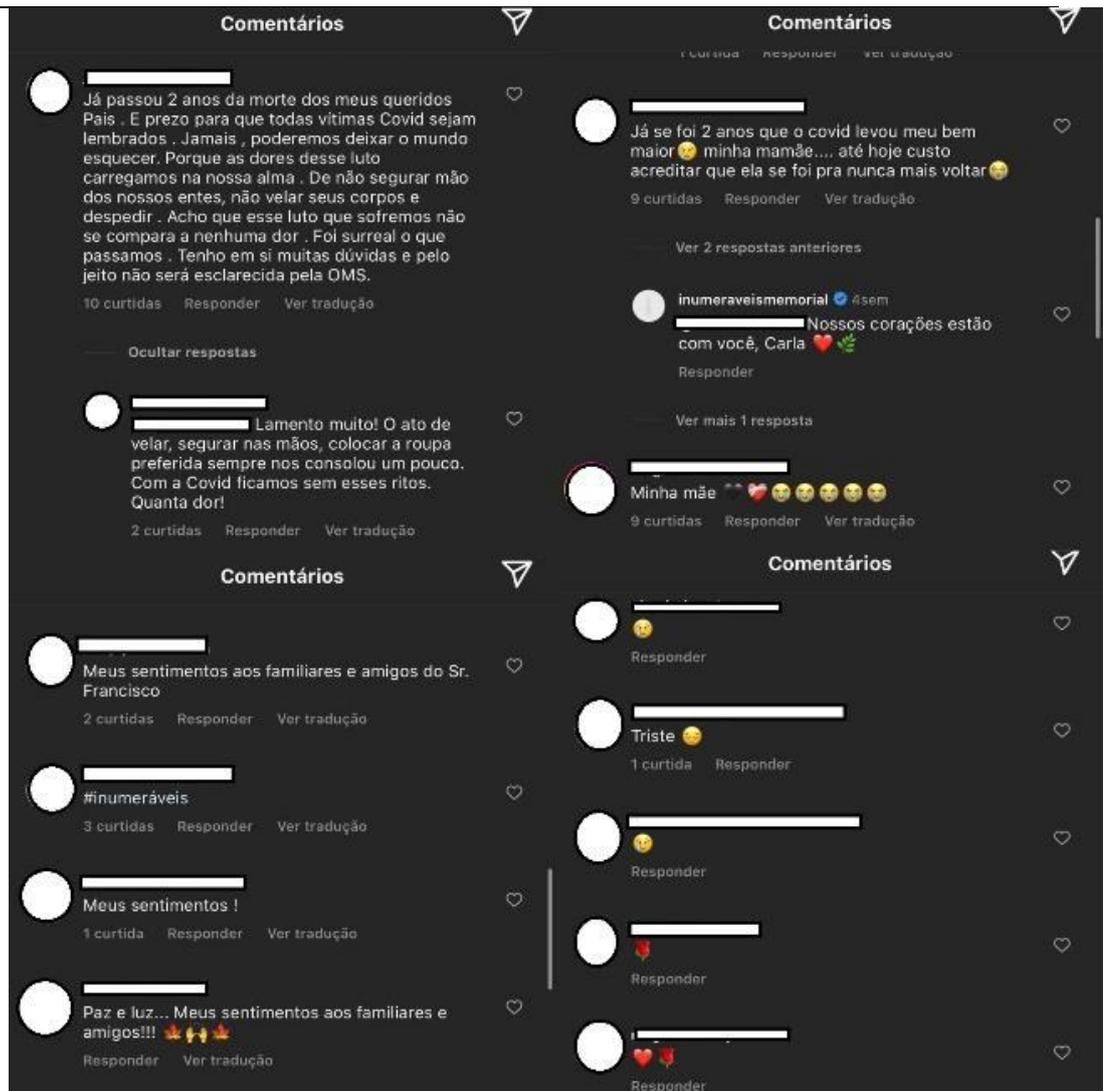


Instagram e site do memorial Inumeráveis

Para falar sobre as publicações do Instagram é importante registrar que os *posts* do perfil Inumeráveis não deixam de ser uma imagem, uma vez que a ferramenta obriga a publicar o que se deseja em formato de imagem, caso contrário não é possível postar. Na rede social escolhemos o último *post*<sup>6</sup>, até esta data de análise<sup>7</sup>, no qual aparecem as seguintes frases nos comentários, as quais categorizamos em um quadro abaixo:

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CtOo9TRImhs/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

<sup>7</sup> Data de análise 08 de junho de 2023.



Comentários da postagem no Instagram

Expressões de sentimentos como luto, indignação, revolta, tristeza	Recordação	
Solidariedade e partilha	<i>Emojis</i>	

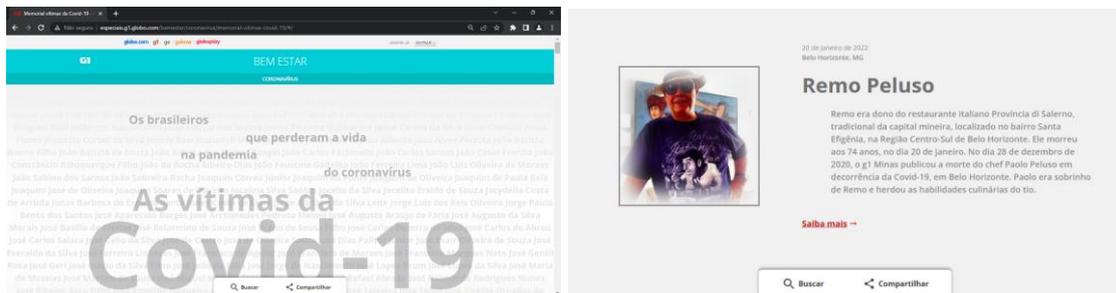
Categorias dos comentários analisados

A partir dos comentários podemos perceber que as histórias foram sendo compartilhadas e, assim, criaram circuitos de identificações de indivíduos que passaram pela mesma situação, desenvolvendo uma forma de conscientização. Essas interações só podem ser observadas nesses espaços midiáticos.

Já no site do projeto Inumeráveis, todas as escritas possuem um padrão: o formato do texto-tributo, mesmo que as histórias tenham sido enviadas, compartilhadas e

reescritas por pessoas diferentes. Porém, aqui existe a ausência da imagem figurativa (fotografia ou ilustração) de quem morreu, contamos apenas com o texto.

O segundo memorial<sup>8</sup> está na página do G1 – do programa Bem-Estar e traz os nomes das vítimas, com fotos e um resumo das histórias. A primeira publicação tem data aproximada do mês de março de 2020. Destacamos aqui, a controvérsia da intenção, uma vez que um memorial sobre uma tragédia está publicado na página que se chama Bem-Estar. Quando abrimos o memorial Bem-Estar, a primeira parte do site nos chama a atenção por conter a frase: “Os brasileiros que perderam a vida na pandemia do coronavírus”, acompanhada do título “As vítimas da Covid-19”, com a sobreposição dos nomes das vítimas atrás. A seguir, encontra-se a imagem da pessoa falecida, o nome e um parágrafo resumido, com informações sobre a vítima.



Site da Globo, página Bem-Estar, onde está localizado o memorial

Quando clicamos em “saiba mais”, somos direcionados a uma notícia ou reportagem do G1. Esta conta quem é aquela pessoa, com fotos, história de vida e depoimentos; outras possuem apenas um texto curto e uma imagem. Ou seja, não há um formato padrão. Nas matérias também aparecem vídeos de telejornais onde sua morte foi noticiada. Isto é, nota-se marcas de circulação intramidiática, visto que o memorial passa a correferenciar outros produtos jornalísticos do grupo Globo.

O primeiro ponto que nos chama a atenção é que as páginas do projeto Inumeráveis ainda são atualizadas, tanto do Instagram quanto do site. Já o memorial Bem-Estar possui sua última atualização registrada no dia 2 de fevereiro de 2022. Além disso, apresentam duas formas de narrativa distintas: uma em formato de texto-tributo, outra com caráter noticioso.

<sup>8</sup> Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/memorial-vitimas-covid-19/#/>

---

Nesse sentido, destacamos alguns pontos importantes: a) acreditamos que o jornalismo sentiu a necessidade de também criar espaços de homenagem e visibilização, seja pelas críticas pelo modo de abordagem (apenas estatísticas), seja como forma de conscientização; b) em alguns memoriais temos a imagem material, como a fotografia por exemplo, de quem faleceu e, em outros, apenas narrativas que elaboram uma imagem mental; c) nos comentários aparecem narrativas sobre luto, morte e a vida; d) mesmo com a ausência da imagem é possível formar, em nosso imaginário, um rosto a partir da reconstituição de traços. Isto é, com a narrativa tornamos uma vítima visível, ressignificando sua morte; e) e, por fim, os memoriais buscam impedir o apagamento do rosto, o esquecimento pelos números, tornando-se em espaços de interação e de enfrentamento da própria pandemia. Tais pontos, porém, só são possíveis em função dos feedbacks complexos potencializados pela midiatização em processo.

#### **Notas de fim: Tessituras imagéticas e discursivas da morte na ressignificação da vida**

Podemos dizer que as narrativas tecidas pelos atores sociais nos comentários analisados são formas de registrar naquele espaço os sentimentos, tanto de quem se identifica com a situação ou alguém que, efetivamente, passou por tal circunstância. Nesse sentido, os memoriais da pandemia de Covid-19 surgem para lembrar a todos e não deixar esquecer tudo o que aconteceu durante o isolamento e o auge da crise sanitária, mas ao mesmo tempo buscam ressignificar o sentimento da morte e da dor. Surgem como forma de consolo através da homenagem de descrever aquele que ama para quem não o conheceu e jamais terá esta oportunidade.

Portanto, quando a dor é partilhada por diferentes atores sociais, novos sujeitos que acessam os memoriais se identificam com as postagens e vão interagindo, seja com curtidas ou comentários. Assim as histórias vão sendo compartilhadas e circulam, fazendo com que o sentido vá se modificando e não se limite a apenas este espaço. Há uma lógica de redes que passa a permear a prática memorialista. Por ser um espaço online e não em um espaço físico delimitado, existe a contínua atualização, tanto de novas postagens quanto de comentários e respostas. Este processo, em dar sequência e atualizar àquilo que está na web, circular sentidos e histórias, é típico da midiatização, conceito com o qual

---

trabalhamos neste trabalho. São processualidades que rompem com a banalização dos números que o jornalismo hegemônico explorou inicialmente.

Para além da narrativa, também precisamos pensar no lugar da imagem nestes memoriais. Em um deles existem fotos e vídeos, em outros apenas a descrição de alguém, que até então não tem um rosto. Porém, quando lemos os relatos, as descrições nos permitem compor um rosto em nosso imaginário, atribuindo à “alguém” as características do sujeito que estão descritas nas histórias. Isso faz com que, de alguma forma, nos sintamos próximos da vítima. Assim funciona a lógica do não-apagamento, evitando o esquecimento daquele que já partiu.

Também, em ambos os memoriais, podemos destacar a importância de se fazer um jornalismo humanizado, que acolhe em um momento de tristeza e mesmo assim não deixa de contar e mostrar a tragédia. Sai do papel de apenas informar e noticiar a morte como estatística, e desempenha um papel importante, sólido e fundamental na construção de memoriais que marcam a pandemia e as histórias das vítimas e famílias.

Acreditamos que, a partir da migração desses espaços para o formato online, a forma de vivenciar e sentir a perda ocorra de uma forma diferente. Com o memorial disponível na Internet, é possível acessar a página e ler a história a qualquer momento de qualquer lugar, diferentemente do físico, onde talvez muitos precisam viajar para conhecer ou para visitar o memorial de perto, a não ser que fosse visto a através de fotos e vídeos, o que seguiria ideia semelhante dos memoriais online. É uma forma de aproximar a homenagem para quem se foi de quem a escreveu.

Nesse sentido, para além de formas de conscientização, os memoriais nos ajudam a pensar a morte na pandemia como uma forma de eternizar a tragédia para não cair em esquecimento e eternizar a memória daqueles que partiram. De um “local” geográfico específico (uma cidade, um país), a elaboração da memória da pandemia (e de seus mortos) desloca-se para a esfera da circulação de sentidos, onde é possível ter fácil acesso às narrativas e a contínuas produções e apropriações. Além disso, estes espaços de memórias coletivas ou das “multidões” nos permitem elaborar a própria pandemia, pois transformam-se em resistência e confronto às políticas que desconsideram os sujeitos, e seus corpos impedidos de serem velados, enquanto vidas. Assim, evidencia-se a importância da mobilização que estes estes memoriais trazem à sociedade, em termos de uma prática comunicacional, visto que estes permanecem agenciando novos fluxos,

---

mesmo quando o debate sobre a pandemia em termos midiáticos se arrefece em função de outras pautas.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Sônia. Memoriais on-line às vítimas da Covid-19 no Brasil: narrativas sensíveis à dor alheia. **Estudos em Jornalismo e Mídia** v.18, n.1, jan./jun. 2021. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/353032345\\_Memoriais\\_on-line\\_as\\_vitimas\\_da\\_Covid-19\\_no\\_Brasil\\_narrativas\\_sensiveis\\_a\\_dor\\_alheia](https://www.researchgate.net/publication/353032345_Memoriais_on-line_as_vitimas_da_Covid-19_no_Brasil_narrativas_sensiveis_a_dor_alheia) Acesso em 15 jul. 2023.

BRAGA, José Luiz. **Matrizes interacionais**: a comunicação constrói a sociedade. Campina Grande: EDUEPB, 2017.

EBBRECHT-HARTMANN, Tobias. Commemorating from a distance: the digital transformation of Holocaust memory in times of COVID-19. **Media, Culture & Society**, 2021, Vol. 43(6) 1095–1112. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0163443720983276> Acesso em 15 ago.2023.

FAUSTO NETO, Antônio. Mediação, midiaticização: conceitos entre trajetórias, biografias e geografias. In: FERREIRA, Jairo *et al.* **Entre o que se diz e o que se pensa**: onde está a midiaticização. Santa Maria: FACOS, 2018.

FAUSTO NETO, Antônio. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? BRAGA, José; FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antônio; GOMES, Pedro Gilberto. **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013. p.43-63.

GOMES, Pedro Gilberto. **Desandar o andado**: os subterrâneos dos processos midiáticos. São Paulo: Edições Loyola, 2022.

HOSKINS, Andrew. Memory of the multitude: The end of collective memory. In: HOSKINS, Andrew. **Digital Memory Studies**. New York/London: Routledge, 2107. pp.85–109

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2018.

---

KAMPER, Dietmar. A imagem. In **Cosmo, Corpo, Cultura**. Enciclopedia Antropologica - A cura di Christoph Wulf. Milano, Itália: Ed. Mondadori, 2002.

ROSA, Ana Paula. Circulação: das múltiplas perspectivas de valor à valorização do visível. In **Revista Intercom – RBCC**, São Paulo: v. 42, n. 2, pp. 21-33, May/Aug. 2019.

RUIZ, Marco.; SOUSA, Lúcia. Memória e(m) discurso na pandemia de COVID-19: o acontecimento do vírus e a arte em rede. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 63, n. 00, p. e021032, 2021. DOI: 10.20396/cel.v63i00.8664096. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8664096>. Acesso em: 15 jul. 2023.